



A correspondência de Luiz Heitor com Dulce Lamas: Uma dimensão histórica*

*Jairo Botelho Cavalcanti***

Resumo

A correspondência de Luiz Heitor Corrêa de Azevedo com Dulce Martins Lamas é aqui analisada com o intuito de fornecer subsídios para a compreensão da trajetória profissional do musicólogo, visando a esclarecer alguns aspectos de sua atuação na então Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, com foco no período em que dirigiu o Centro de Pesquisas Folclóricas à distância, e nos organismos internacionais, como a União Pan-Americana e especialmente a Unesco. De especial interesse é seu pioneirismo na Revista da Associação Brasileira de Música e o episódio de seu desligamento da Revista Brasileira de Música. Esse conjunto de cartas revela também a rede de sociabilidade desenvolvida ao longo de sua carreira, em âmbito nacional e internacional.

Palavras-chave

Epistolografia – redes de sociabilidade – musicologia no Brasil – história institucional – periódicos musicais.

Abstract

The correspondence of Luiz Heitor Correa de Azevedo with Dulce Martins Lamas is analyzed with the intent of providing subsidies for the understanding of the musicologist's professional career. It aims at clarifying some aspects of his actions in the then National School of Music of the University of Brazil, focusing on the period in which he directed the Folk Research Center from abroad while engaged in serving international organizations such as the Pan American Union and especially UNESCO. Of special interest is his pioneering role in the Journal of the Brazilian Association of Music, and the episode of his dismissal from the Brazilian Journal of Music. This set of letters also reveals the sociability network developed throughout his career, both nationally and internationally.

Keywords

Epistolography – sociability networks – musicology in Brazil – institutional history – music periodicals.

* Este artigo é derivado da tese de doutorado intitulada "Luiz Heitor Corrêa de Azevedo na historiografia musical brasileira: história, ideologia e sociabilidade", apresentada ao Programa de Pós-graduação em Música, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em 2011, sob a orientação do Prof. Dr. Régis Duprat. Nota da editora: Trata-se da última tese orientada pelo eminente musicólogo.

** Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil. Endereço eletrônico: jairo.j@gmail.com.



As cartas autógrafas, mais que qualquer outra fonte, relatam não uma impressão ou revisão daquele momento em que o fato histórico se deu, mas a vivência cotidiana e cultural, em que os narradores permanecem vivos e vinculados a um período distante do nosso presente. Em quase cinco décadas de exílio, com retornos esporádicos ao Brasil, Luiz Heitor Corrêa de Azevedo (1905-1992) manteve correspondência assídua com sua maior colaboradora: sua discípula, folclorista e professora Dulce Martins Lamas (1941-1992). Essa correspondência desvela boa parcela dos projetos que integraram a longa caminhada do musicólogo em sua vida profissional e pessoal, como pesquisador e representante da Unesco, mas também no plano afetivo, revelando uma personalidade amável e carinhosa, mas convincente e incisiva pela formação eloquente do músico, pesquisador e administrador; forte e segura, mas acima de tudo educada, prestativa e esclarecedora.

A correspondência pessoal do musicólogo Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, e sua esposa Violeta, com Dulce Martins Lamas¹ está localizada em dois acervos do Rio de Janeiro – a Biblioteca Alberto Nepomuceno da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (BAN/EM-UFRJ) e a Divisão de Música e Arquivo Sonoro da Biblioteca Nacional (DIMAS-BNRJ) – e distribuída da seguinte forma: na Biblioteca Alberto Nepomuceno encontram-se 279 cartas, sendo 254 de Luiz Heitor, 18 de sua esposa Violeta Azevedo e 7 de Dulce Lamas; na Biblioteca Nacional encontram-se 41 cartas, sendo 7 de Luiz Heitor, 28 de Dulce Lamas para Luiz Heitor e 6 de Dulce Lamas para Violeta Azevedo. O estado de conservação da correspondência é bom, no entanto, inspira cuidados em ambos os acervos, devido à carência de recursos físicos e humanos. Na correspondência da Biblioteca Alberto Nepomuceno a carta mais antiga endereçada a Lamas data de 4 de agosto de 1947 e a última é de 15 de maio de 1990; na Biblioteca Nacional encontram-se as cartas de Luiz Heitor escritas nos anos 1960 e as de Lamas nos anos 1980. Somam-se 320 cartas, nas quais se discutem assuntos diversos num mesmo documento, desde relações pessoais a profissionais. Isso nos levou a optar por um procedimento descritivo e reflexivo para direcionar a seleção dos segmentos que registram fatos históricos que relevam a sua vida profissional e pessoal. Nesta abordagem procuramos obedecer à ordem cronológica das cartas.

A correspondência trocada com Lamas foi de fundamental relevância para Luiz Heitor, pois tratava, dentre outros temas, das necessidades vinculadas à sua atividade profissional. Desde os primeiros anos de trabalho na Unesco ele recorreu aos serviços da sua assistente para os assuntos no Brasil.

¹ Dulce Martins Lamas, aluna de Luiz Heitor na turma de 1944, assumiu a função de Técnico Pesquisador do Centro de Pesquisas Folclóricas de 1949 a 1958; em 1959 torna-se professora de folclore musical e de outras matérias dos cursos de graduação e pós-graduação de Escola de Música e da Escola de Belas Artes da UFRJ. Como pesquisadora seguiu o caminho do mestre, com importantes contribuições para o estudo de folclore musical.



A década de 1940 foi um ponto decisivo na vida do musicólogo como professor da cátedra de Folclore Musical, na então Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, atualmente Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 1941 tornou-se consultor da “divisão de música” da União Pan-Americana, Washington D.C., EUA. De 1942 a 1946 realiza pesquisa de campo em parceria com a Library of Congress, em colaboração com os Archives of American Folk Song. Em 1943 funda o Centro de Pesquisas Folclóricas na Escola Nacional de Música; e de 1946 a 1947 exerce a função de segundo secretário do IBECC (Comissão Nacional da Unesco no Brasil). Em 1947 assume suas funções na Unesco em Paris, dirigindo os serviços de música daquela instituição.² Tais funções indiciam o pronunciado dinamismo que sempre caracterizou Luiz Heitor. Suas preocupações se voltavam sempre para o que proporcionasse uma estruturação que resultasse em crescimento institucional. Em um documento relatado em janeiro de 1933, no seu primeiro ano de trabalho de bibliotecário do então Instituto Nacional de Música, comenta:

Dentro dos mostruários eram conservadas várias caixas de violinos e outros instrumentos modernos, não pertencentes ao museu; ao lado desses, sem etiquetas, atirados nas prateleiras, sem obedecerem qualquer disposição racional, os instrumentos que integram o catálogo do museu não poderia despertar a atenção do visitante. [...] No relatório referente ao ano de 1930, o Sr. Guilherme de Mello assinalava o desaparecimento de várias peças do museu, o qual, naquela época, ainda não se achava convenientemente instalado, tinha suas peças espalhadas por diversas dependências do instituto. Alguns dos instrumentos dados como desaparecidos foram por mim encontrados e se acham, agora, em exposição...³

Esse texto ilustra a postura profissional de zelo e organização, que sempre inspirou o musicólogo nas funções de responsabilidade que assumiu. E do mesmo modo, destacam-se dois periódicos diferenciados, que foram idealizados e dirigidos por Luiz Heitor, os quais supriram uma lacuna na categoria de periódicos científicos na área de música: o primeiro foi a *Revista da Associação Brasileira de Música*, editada por três anos (1930-1934) – de cuja associação Luiz Heitor era membro e exerceu o cargo de secretário – e o segundo foi a *Revista Brasileira de Música*, sob sua responsabilidade por oito anos (1934-1942), editada pela Escola Nacional de Música. Quanto a este periódico, ressalte-se seu pioneirismo e contribuição para os futuros estudos musicológicos. A *Revista Brasileira de Música* angariou um significativo des-

² Lamas, 1985, p. 12-13.

³ Relatório de Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, janeiro de 1933. BAN/EM-UFRJ.



taque no meio musical do país, apoiada por verba também oriunda do orçamento da República, tendo à frente Luiz Heitor, responsável por todas as etapas de sua confecção e divulgação. Entre os colaboradores figuram Mário de Andrade, Renato Almeida Andrade Muricy, Sá Pereira, Curt Lange e Carleton Sprague Smith, além do próprio mentor do periódico, Luiz Heitor. De seu surgimento em 1934 até a saída do musicólogo em 1942 ocorreu um crescimento notável da *Revista Brasileira de Música*, resultando no seu reconhecimento internacional com citações em diversas bibliografias estrangeiras.⁴ Infelizmente foi-lhe impedido o direito de continuar na administração dos trabalhos do periódico. Em sua correspondência são expostos alguns fatos que esclarecem sua saída. Em carta de 6 de abril de 1942, solicita reconsideração ao diretor da Escola Nacional de Música sobre a decisão da Congregação, órgão máximo das decisões internas da Escola, do seu afastamento da função de redator da *Revista Brasileira de Música*. Essa carta foi enviada ao diretor da Escola, prof. Agnelo França, com cópias para os docentes daquela instituição, a Dulce Lamas e a alguns outros amigos. Vejamos alguns trechos:

Meu prezado Amigo, Mestre e Diretor

Algum tempo depois de ter chegado ao Rio, de regresso da minha viagem ao E.E.U.U., vim a saber que a congregação da nossa Escola indicará dois professores para constituírem a Comissão Diretora da “Revista Brasileira de Música”, de acordo com as atribuições que lhe são conferidas pelo art. 275 do regimento interno. [...]

De acordo com o regimento interno a revista é “dirigida por uma comissão constituída pelo Diretor como presidente e dois professores catedráticos eleitos pela congregação” (art. 275); “nada se publicará sem prévia autorização da comissão diretora” [...]. Encarregado dos trabalhos e matérias da redação, posto sob as ordens da Comissão Diretora”, há um secretário de redação, que será o Bibliotecário da Escola, devidamente designado pelo conselho técnico e administrativo (art. 274); ou em caso de desistência deste, outra pessoa designada pelo referido conselho [...].

Em 1939, nomeado já professor Catedrático, voltei às minhas atividades redatoriais, usando o vago título de redator com o qual meu nome aparece nos fascículos de 1939, 1940, e primeiros de 1941. [...]

Foram estes últimos, anos muito difíceis para a revista, [...] desapareceram do orçamento todas as dotações antes atribuídas à nossa revista, havendo sido preciso bastante paciência e habilidade, de minha parte, para trazer a luz, embora com periodicidade irregular, os fascículos



referentes a esse período. Felizmente tivemos a recompensa de nossa persistência, este ano, com o reaparecimento, nas pautas orçamentárias, de verbas suficientes para custear todos os serviços e remunerar, mais generosamente do que nos primeiros dias da “revista”, o trabalho dos seus colaboradores

Quanto a mim, após oito anos de dedicação à revista, que ajudei a nascer, a que dei organização e forma, [...] considero-me desligado de seus destinos futuros.

Encarando, no entanto, a possibilidade de meus colegas não terem tido a intenção de expurgar a revista de minha presença, quando constituíram uma Comissão Diretora em que não estou representado; supondo que assim tenham agido sem conhecer que me atingiam, poderei continuar provisoriamente, meu caro Diretor, a executar o trabalho exigido pela publicação e distribuição dos primeiros números deste ano. [...] se meus colegas assim entenderem, aceitarei a continuar meus esforços à “Revista Brasileira de Música” [...] como um dos professores catedráticos que alude o art. 274 do regimento interno.⁵

Segundo Luiz Heitor, a correspondência enviada a alguns colegas, foi lida perante a congregação dessa Escola, reunida no dia 10 de abril daquele ano, não havendo os membros daquele colegiado tentado encontrar uma solução para atender às suas pretensões de continuidade na participação do corpo editor da *Revista Brasileira de Música*.

As muitas informações históricas sobre o desempenho do musicólogo junto às instituições, tanto no Brasil como na França, se encontram diluídas num conteúdo discorrido dentro das vicissitudes profissionais iminentes.⁶ Os fatos vão surgindo ocasionando decisão em situação sequer antes imaginada. Uma delas definiu, de certa forma, sua participação na Unesco e, posteriormente, ocasionou sua moradia definitivamente na França. Por ocasião de sua visita a Portugal, na função de segundo secretário do IBECC, em 1947, acompanhado dos folcloristas Luiz da Câmara Cascudo e Renato Almeida, para estudar a viabilidade de realização de um Congresso Luso-Brasileiro de Folclore. Em meio às reuniões, surge o convite da Unesco para que Luiz Heitor participasse de um comitê de especialistas para esboçar o programa de filosofia e ciências humanas do órgão internacional. A partir desse primeiro contato surge outro convite para um estágio na sede da Unesco. O que definiu de certa forma sua permanência na sede da Unesco foi quando após seu primeiro ano

⁵ Carta de Luiz Heitor Corrêa de Azevedo ao diretor da Escola Nacional de Música, prof. Agnelo França, 6 de abril de 1942. BAN/EM-UFRJ.

⁶ Ver biografia de Luiz Heitor em Lamas, 1985.



de atividade nesse órgão, foi-lhe estendido o convite para mais um ano de contrato. Em carta enviada à Diretora da Escola Nacional de Música, prof^a Joanídia Sodré, Luiz Heitor menciona seu interesse em aceitar a proposta e comenta dos trabalhos a serem realizados de catalogação da música gravada em discos:

Em janeiro, sob os auspícios da Unesco, será criado o Instituto Internacional de Música, cuja sede será na Itália (provavelmente). E estamos agora em plena atividade, na preparação do catálogo geral de toda música gravada em discos, que compreenderá três seções diversas: a música clássica ocidental, a música clássica oriental e a folclórica. Só o catálogo de música clássica ocidental deverá reunir, no fichário, dentro de dois anos, cerca de 200.000 fichas. É um esforço considerável, feito com o auxílio dos mais modernos processos de técnica de catalogação.⁷

Em decorrência dos trabalhos preparativos do Congresso Luso-Brasileiro de Folclore, Luiz Heitor permaneceu em Lisboa por três meses. Nesse período, no Centro de Pesquisas Folclóricas, sua assistente Lamas o auxiliava no arquivamento do material coletado no país e destinado ao Centro de Pesquisas Folclóricas e referente à parceria com a Biblioteca do Congresso em Washington. Dentre outras medidas, as recomendações eram copiar discos e redigir fichas catalográficas. Tais indicações arrolam medidas para a organização do material coletado para o acervo.

Essas fichas de catálogo, datilografadas nos cartões apropriados, de que temos grande quantidade, serão duas para cada documento: uma de gênero e outra de localização geográfica. Na de gênero, a música vocal deve ser classificada, de fato, por gênero, isto é: romance, louvação, desafio, coco, macumba, candomblé, samba, moda de viola, etc.; a instrumental, porém, deve ser classificada pelo instrumento, isto é: viola, violão, rabeça, acordeon, etc.; ou pelo grupo instrumental: viola e violão; rabeça e violão; clarinete, dois violões e cavaquinho; etc. na ficha de localização geográfica será considerado, em primeiro lugar, o município, e em segundo o estado.⁸

A metodologia empregada no Centro de Pesquisas Folclóricas é, em parte, oriunda do convívio de Luiz Heitor com grandes musicólogos, em especial Alan Lomax⁹, na época de sua estada na União Pan-Americana em 1941.

⁷ Cópia da carta de Luiz Heitor Corrêa de Azevedo à diretora da Escola Nacional de Música, Joanídia Sodré. Acervo Lamas: BAN/EM-UFRJ.

⁸ Carta de Luiz Heitor Corrêa de Azevedo à Dulce Lamas, 12 de novembro de 1948. BAN/EM-UFRJ.

⁹ Aragão, 2005, p. 97.



As atividades de Luiz Heitor na Unesco não o impedem da administração à distância do Centro de Pesquisas Folclóricas. A correspondência trocada com Lamas foi de fundamental relevância para Luiz Heitor, pois tratava, dentre outros assuntos, das necessidades vinculadas a sua qualidade de professor e pesquisador e permitiu a continuidade dos trabalhos de catalogação do acervo. Luiz Heitor pretendia voltar para as suas funções na Escola Nacional de Música após a conclusão das atividades no organismo internacional. Desde os primeiros anos de trabalho na Unesco ele recorreu aos serviços da sua assistente para os assuntos profissionais do Brasil. Em carta de 8 de março de 1948 incluíam-se, além de um agradecimento pelo envio de relação de endereços para a seção de música daquele órgão, mais alguns pedidos, como informações sonoras da coleção de discos do acervo do Centro de Pesquisas Folclóricas e a investigação de qualidades vocais da obra *Miracle de la Sémence* de Alberto Nepomuceno. As encomendas tinham periodicidade quase mensal e sempre eram correspondidas por Lamas. O musicólogo sabia da importância de ter alguém de confiança como Lamas para dar seguimento aos trabalhos no Centro. Nessa correspondência Luiz Heitor trata, também, da nomeação de Lamas na atividade de Bibliotecária do Centro. Em carta de 22 de abril de 1948, a par de agradecer a colaboração da assistente, declara seu desagrado ante a situação confusa sobre a contratação de Lamas, por parte da instituição:

Estou furioso com o que se está passando aí; o Brasil só me dá decepções; de cada lado que me vire só vejo coisas erradas, viciadas, resultando ora de má, ora de excessiva boa fé; ora de ignorância, ora de consumada esperteza. Não tem o menor cabimento o fato de há oito meses você estar trabalhando na Escola, com uma eficiência exemplar, num lugar que existia, para o qual havia verbas destinadas, e ainda não ter conseguido ser nomeada. Vou escrever agora muito energicamente à Dona Joanídia.¹⁰

Nos anos seguintes, Lamas assume definitivamente os trabalhos no Centro de Pesquisas Folclóricas.

Em algumas cartas podemos perceber o grau de conhecimento e envolvimento que ele teve em suas funções de bibliotecário e sua fluência no assunto música. Quando sondado por algo, mesmo fora a algum tempo dessas responsabilidades, prontamente respondia com precisão. Em carta enviada à Lamas, argumenta sobre informações solicitadas, por uma bibliotecária, dos autógrafos do compositor Rameau:

¹⁰ Carta de Luiz Heitor Corrêa de Azevedo à Dulce Lamas (BAN/EM-UFRJ), 22 de abril de 1948.



A propósito da cópia de um autógrafo de Rameau, que a Mary, bibliotecária me pede, diga-lhe que provavelmente que na nossa biblioteca ela poderá encontrar o que deseja, temos um livro (não me lembro como se chama), que consta, exclusivamente, de produções de autógrafos dos grandes mestres, alguns até de diferentes épocas de suas vidas, para se fazerem confrontos desse gênero. Além disso, como temos quase toda coleção de obras completas de Rameau, é possível que em alguns dos volumes venha um fac-simile de sua caligrafia. Há ainda um terceiro caminho – menos bom – que é o “Álbum Musical”, de Kinsky (iconografia musical) o qual possuímos na biblioteca, e onde certamente se encontra, também, alguma página reproduzindo um autógrafo do autor da “*Harmonie reduite à ses principes rationnels*”.¹¹

Na década de 1950 os trabalhos de Luiz Heitor à frente do setor de Música da Unesco começam a dar frutos, com a criação em 1949 do Conselho Internacional de Música, a publicação do primeiro catálogo consagrado à música de Chopin e o prosseguimento dos planos de catalogação da música mundial. Nos anos seguintes se juntam a esses, novos projetos, como a publicação dos seus livros antológicos e sua atuação de professor de História latino-americana no Institut des Hautes Etudes de l’Amérique Latine, da Université de Sorbonne. Dulce Lamas foi a que mais o auxiliou na publicação dos livros *Música e Músicos do Brasil*, *Música do tempo dessa casa* e *150 anos de Música no Brasil*. Um braço direito do musicólogo no Brasil, se responsabilizava por todos os detalhes: correções de texto, arte gráfica, distribuição, contato com a editora e qualquer outro problema pendente:

Fiquei muito satisfeito em saber que “*Música e Músicos do Brasil*” já se acham em provas de impressão. Peço a você que examine com cuidado a colocação dos textos musicais, para evitar as saladas. Peço-lhe que verifique também (no caso dos exemplos terem sido recopiados) se eles estão certos e de acordo com os meus originais. [...] Quanto a “*Música do tempo dessa casa*” quer você sugerir ao Arquimedes, de minha parte, de utilizar também, para ilustrar o volume, o desenho da casa do Cosme Velho, feito pela Bárbara Heliodora, filha de Ana Amélia.¹²

Dando continuidade às publicações em maio do corrente ano começam os contínuos socorros por parte de sua discípula que o auxiliam na colheita de informações para seu outro livro:

¹¹ Idem, 1º de dezembro de 1948.

¹² Idem, 29 de março de 1950.



Estou dando os últimos retoques num novo livro meu, que não sei muito bem como se chamará; talvez “150 anos de música no Brasil”. [...] o endereço do Oswaldo de Sousa. Preciso saber onde esse cidadão nasceu e em que data.

CULTURA ARTÍSTICA DE SÃO PAULO – Penso que foi fundada em 1916, mas preciso obter confirmação do ano. O Luiz Gonzaga Botelho poderá ajudar você, ou dizer a quem você deve se dirigir, em São Paulo.

SOCIEDADE CULTURA MUSICAL DE RECIFE – preciso saber em que ano foi fundada (penso que por volta de 1923). Aí, também, o Botelho poderá ajudar você; ou então o dr. Waldemar Oliveira, cujo endereço é: Teatro Santa Isabel, Recife.¹³

Um pouco mais adiante, em 19 de outubro, novas solicitações e com elas chegam também esclarecimentos da falta de conhecimento, por parte dos franceses, da existência do nosso compositor Luciano Gallet. Luiz Heitor comenta do convite recebido para dar uma palestra sobre música brasileira e, com isso, solicita à assistente no Brasil que lhe envie material gravado do compositor.¹⁴

Em dezembro, em nova carta¹⁵, organiza juntamente com Lamas a distribuição de *Música e Músicos do Brasil* e a encarrega da realização de alguns procedimentos como: distribuição de exemplar a críticos e amigos, envio a bibliotecas americanas, envio de folhetos de propaganda e recortes de críticas de jornal. Na verdade, Luiz Heitor não fazia ideia sobre qual seria o limite entre seus direitos e deveres perante a editora. Segundo ele, não teria nenhum acordo ou contrato para tal edição. A Livraria-Editora Casa do Estudante do Brasil, sob responsabilidade do Dr. Arquimedes de Melo Neto, não esclareceu nada sobre os direitos autorais, exemplares disponibilizados, número de cópias e distribuição. Parece-nos que o livro se deu notoriamente por esforços pessoais do autor e de sua ajudante. Outro fato interessante na mesma carta, diz respeito ao retorno em definitivo para o Brasil de nosso representante na Unesco. Ele comenta: “Acho que em 1951 regressarei definitivamente ao Brasil. Em todo caso – salvo em caso de emergência – não será antes do fim do ano. [...] Eu chegarei, provavelmente, em dezembro ou em janeiro de 1952”. Fato que não se concretizou.

150 Anos de Música no Brasil, obra de extrema relevância histórica, foi elaborada nos intervalos das muitas atividades do musicólogo a serviço da Unesco. Seus comentários, em carta, sempre se voltam para as dificuldades de tempo e também deixam transparecer as faltas de acervo bibliográfico e de contatos no Brasil para

¹³ Idem, 19 de maio 1950.

¹⁴ Idem, 19 outubro de 1950.

¹⁵ Idem, 19 de dezembro de 1950.



se elucidar dúvidas diversas sobre datas, premiações, primeiras excussões, dentre outras coisas de urgência do historiador.

Minha prezada Dulce:

Ainda não acabei de amolar você por causa do Radamés Gnattali. Peço que verifique mais uma coisa: em que data (basta o ano) foram apresentadas as duas obras seguintes, de sua autoria: Três Movimentos para piano com acompanhamento de orquestra de cordas e timbales e Concerto para violino e orquestra.

Estou agora realmente pondo um ponto final nos “150 anos de música no Brasil”. [...] Tenho muito pouco tempo para trabalhar nesse livro aqui, é só aos domingos (alguns domingos) consigo furtar algumas horas para isso...¹⁶

Quando comenta que está pondo um ponto final, é devido ao fato da existência de uma dúvida sobre o nome final do livro. Também foi cogitado o uso do título “Século e meio de música no Brasil”. Alguns episódios de atuações artísticas dos compatriotas, ocorrentes na França e no entorno, com constância, eram narrados em suas correspondências. Nesta última citada, Luiz Heitor informa: “Hoje à noite realiza-se o concerto de obras de Villa-Lobos com a Orquestra da Sociedade de Concertos do Conservatório, o que promete ser um acontecimento musical de monta. Ele e a Ermelinda [esposa do compositor] estão aqui desde o começo da semana.”

Estas narrativas históricas se tornam importantes como documentação fidedigna devido à notoriedade do narrador e relata acontecimentos que poderão servir de subsídios a novas investigações. Vejamos em outra correspondência solicitações a ajudante e algumas dessas lembranças históricas, um pouco esquecidas no viés do tempo, tais como a do crítico Krieger:

No fim do manuscrito [*150 anos de música no Brasil*] encontrei, no entanto, dois pequenos pontos de interrogação, para os quais venho pedir socorro a você. Trata-se: 1) da EUNICE CATUNDA (quero saber o local e data com dia, mês e ano, do seu nascimento) 2) EDINO KRIEGER (as mesmas informações, e mais uma pequena lista de suas composições mais importantes, concluídas antes de 31 de dezembro de 1949). Como você sabe, esses dois pertencem ao grupo Música Viva do Koellreutter (além do mais, o Krieger era, quando estive em agosto, no Rio, crítico musical da “Tribuna da Imprensa”).¹⁷

¹⁶ Idem, 3 de março de 1951.

¹⁷ Idem, 5 de março de 1951.



Um dos objetivos da Unesco foi a preservação da cultura mundial. Na preocupação de divulgar a música brasileira aos olhos da Europa, Luiz Heitor à frente dos trabalhos de registro dos acervos mundiais da música, reuniu em bobina de gravação um significativo material de música popular do Brasil para integrar a “Coleção Universal da Música Popular Gravada” da Unesco¹⁸. Lamas assessorou-o cumprindo uma série de recomendações e detalhamentos das gravações que considerava essenciais. Obteve para isso a colaboração do então diretor dos serviços de radiodifusão do governo e médico Fernando Tude de Sousa, que lhe ofertou as bobinas de gravação. Luiz Heitor tinha grande preocupação com o estado de conservação dos discos produzidos em acetato, material de pouca resistência e durabilidade, usados no registro musical de suas pesquisas de campo pelo país. Tudo que se fez nessa época era feito com ideal pessoal sem recursos e na dependência da boa vontade dos amigos. A estratégia se plasmava numa notória relação de amizades influentes para a superação dos obstáculos que surgiam. Na mesma correspondência Luiz Heitor lista todo o repertório de seu interesse a ser registrado, indicando os estados e os gêneros musicais¹⁹, solicita as gravações e levanta a possibilidade de Renato Almeida, na qualidade de Chefe do Serviço de Informações do Itamaraty e aproveitando sua ida para a Conferência de Música Folclórica em Londres, de servir de transportador das bobinas gravadas

Em suas idas e vindas ao Brasil, sempre buscou nesses curtos espaços dar continuidades a suas pesquisas, realizar palestras e participar de eventos musicais. Numa dessas vindas, em novembro de 1952, na casa de parentes em Curitiba, relata em carta a Lamas:

Consegui, aqui no sul, esclarecer os dois pontos. Encontrei, em Porto Alegre, uma coleção de revistas, que consultei. Aliás o prefácio de Mário de Andrade para as canções populares de Luciano Gallet não se encontra nessa revista [Eco] [...]. Mas o Ênio de Freitas e Castro chamou a minha atenção para o fato de que esse Prefácio, como é natural, aliás, encontra-se nos dois cadernos da 1ª série dessas canções. [...] Estive, rapidamente, em Pelotas e Porto Alegre, para fazer uma palestra sobre Henrique Oswald, que também realizei aqui em Curitiba.²⁰

As relações profissionais que Luiz Heitor formou através da Unesco, foram muito valiosas não só para ele como também para um número considerável de brasileiros que passaram pela França e outros países da Europa e Estados Unidos. Esses músicos sempre encontravam alento e um ombro amigo, detentor de bom status social e profissional. Alguns exemplos como Villa-Lobos, Francisco Mignone e Cleofe Person de

¹⁸ Idem, 28 de abril de 1952.

¹⁹ Idem, 23 de maio de 1952.

²⁰ Idem, 20 de novembro de 1952.



Matos, dentre outros diversos, estão constantemente relacionados em suas correspondências. Lamas presta substancial funcionalidade para que o musicólogo mantenha um vínculo mais próximo com o Brasil.²¹

Diga ao Manoel que recebi, com imensa satisfação os “Cruzeiros” que ele me mandou. [...] Se de vez em quando ele quiser meter num envelope aberto, alguns recortes de jornais, com notícias políticas, musicais ou outras, que achar interessante, e me mandar esse material seria ótimo. Estou aqui muito isolado do Brasil, e raramente a par do que acontece por aí.[...] Cleofe, Rafael Baptista, Oscar e Alda Borgerth estão agora por aqui, sem falar muitos outros músicos do nosso país (gente que gosta de viajar e que dá a impressão que a carreira rende, pois sair do Brasil com o dólar a 80 cruzeiros não é sopa...) Sem fazer muita força para lembrar: Yara Bernette, Madalena Tagliaferro, a Antonieta, já citada, [...] eu estou muito peste, hoje, minha querida Dulce, acho melhor parar por aqui.²²

Nos anos seguintes da década de 1950 as discussões estão voltadas para os trabalhos finais e publicação do seu livro *150 Anos de Música no Brasil*, a outras publicações pertinentes às atividades de Lamas à frente do Centro de Pesquisas Folclóricas e alguns fatos familiares. Lamas se incumbiu da organização das publicações do Centro de Pesquisas Folclóricas, compostas de conteúdos relacionados ao acervo coletado nas viagens de Luiz Heitor pelo Brasil. Em resposta a uma das muitas consultas feitas por Lamas, referente à quarta publicação do *Catálogo dos discos de Minas Gerais*, de 1956, Luiz teceu elogiosos comentários sobre textos redigidos:

[...] para responder à sua de 27 de maio [...] Li-os com imenso prazer; o assunto está muito bem apresentado, com erudição e discutido com uma elevação (sem pedantismo) que seria impossível achar nos velhos escrivinhados de coisas de folclore em nosso país. Só a formação universitária dos jovens folcloristas é que permite esse tom, essa linha. Cumprimento-a, particularmente, pelas passagens sobre o “Lundu dos negros”, em que há observações de primeira ordem. Um Mário de Andrade não desdenharia de subscrevê-las.²³

Na mesma missiva sugere modificações e tece algumas críticas sobre o texto que Lamas publicaria a respeito do catálogo. O musicólogo levantou dúvidas sobre as origens da música folclórica, defendida por Lamas, por considerar fora de contexto

²¹ Idem, 4 de setembro de 1956.

²² Idem, 16 de fevereiro de 1955.

²³ Idem, 22 de agosto de 1955.



a contribuição dos negros nas canções de beber. Talvez a discípula estivesse ainda influenciada pela tendência miscigenatória de herança dos intelectuais nacionalistas e na época promovida ideologicamente pelo governo:

Música Tradicional de Serenata e Salões” – À pág. 2 você aventa a hipótese de que as canções de beber tenham se originado em hábitos dos escravos. Será que você está atacada de africanite, esse distúrbio de visão que faz com que o investigador encontre por todos os cantos influencia negra, mesmo quando se trata de coisas, meridianamente, índias ou portuguesas? Pode ser que existam, mas eu não me lembro de ter ouvido falar de canções de beber negras.²⁴

Num trecho em carta de setembro de 1956, constata-se o quanto tempo de pesquisa, redação e revisões foram dedicados, com grande contribuição da fiel discípula, para a consolidação de uma das mais representativas obras históricas de discussão sobre a música brasileira. O nosso musicólogo se debruçou em labor durante mais de 10 anos, nos tempos vagos de seu desempenho na Unesco, com algumas vindas à terra natal e com incansável obstinação nas investigações nesse meio tempo de descansos em férias, vista a familiares e convites para eventos musicais.

Muito obrigado pela sua boa carta de 27 de agosto, que encontrei sobre minha mesa, em Paris, regressando de Salsburgo (de onde lhe enviei um cartão lembrança do centenário de Mozart). Com a sua carta encontrei, também, um exemplar do livro [*150 Anos de Música no Brasil*], que o José Olympio teve a gentileza de enviar por avião à custa de 400 cruzeiros de selo... Deu-me grande prazer percorrer esse velho livro, tão laboriosamente arquitetado e composto (foi começado em 1944)... E agradeo a você o trabalho maravilhoso que teve com ele, introduzindo as minhas correções sem conta, que foram todas – pude verificar com satisfação – escrupulosamente observadas.²⁵

Essa relação próxima e afetuosa entre os dois grandes amigos, Lamas e Luiz Heitor, no mínimo, causou certo sentimento de desconforto por parte de alguns da Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil. Enquanto ele se projetava na vida profissional com uma produção significativa, tanto na administração do órgão internacional como na continuidade dos trabalhos de pesquisa; outros promoviam uma verdadeira desconsideração por esse trabalho, com procedimentos de pouca clareza e nenhum

²⁴ Idem, 22 de agosto de 1955.

²⁵ Idem, 4 de setembro de 1956.



senso de compreensão da magnitude dos projetos continuados no Brasil. Em 1958, em correspondência, estão relatados fatos que depõem a veracidade das afirmações expostas. O musicólogo, com grande agastamento diz:

É inútil meter na cabeça de Joanídias, Bernardos ou de Domingos Raymundos que o Centro de Pesquisas Folclóricas serve o prestígio da Escola, e que hoje em dia, com o desenvolvimento da pesquisa, no Brasil, é um dever da Escola, mantê-lo e ampliá-lo, o objetivo devendo ser, mesmo, de futuro, a criação de um Instituto de Etnografia e Folclore na Universidade, com a cooperação da Faculdade de Filosofia. Tudo isso é muito complicado, para a cabeça deles. O que eles pensam é que o Centro serve a mim, e a V., duas razões excelentes para demoli-lo com um sorriso nos lábios... A nossa política tem de ser, pois, de convencer a Diretora que o Centro serve o seu prestígio; de que a sua administração será engrandecida pelo apoio que der ao desenvolvimento desses estudos.²⁶

A década de 1950 representa a colheita dos frutos doces resultantes dos trabalhos incessantes sob os auspícios da Unesco e de suas funções de pesquisador. Na década de 1960, suas relações profissionais com o mundo musical, principalmente no eixo Europa e Estados Unidos, fazem dele personagem de grande importância, requisitado com frequência. Seus contatos com diversas entidades internacionais promovem relacionamentos cordiais com trocas de produção intelectual. O Instituto de Pesquisa Folclórica da Venezuela, dirigido por Luiz Felipe Ramón y Rivera e sua esposa Isabel Aretz, é exemplo dessa busca de intercâmbio.²⁷ Os contatos eram de caráter pessoal e se constituíam numa rede social.

As solicitações por parte de Luiz Heitor nunca cessaram e sempre foram correspondidas. Ele, de certa forma, era um administrador à distância do Centro de Pesquisas Folclóricas. Seus contatos com diversas entidades promovem relacionamentos cordiais com trocas de produções intelectuais. Contatos eram de caráter pessoal, onde o humano superava muito as relações institucionais. Isso era a marca registrada de sua personalidade que não separava os afetos do profissional. Tanto os amigos de maior projeção quanto os menos expressivos tinham igual valor. As correspondências provam essa afirmativa. Numa carta de 17 de março de 1961, contém informações dos diversos níveis de contatos, como dos seus amigos do passado: Egydio Castro e Silva, seu antigo assistente do Centro; e a Mrs. Mary Rowell, que o acompanhou na célebre excursão ao Rio Grande do Sul; e com outros mais representativos como: prof. Léon Bourdon do Institut des Etudes Portugaises et Brésiliennes da Faculté des Lettres da Université de Paris; e o fa-

²⁶ Idem, 4 de setembro de 1958.

²⁷ Idem, 07 de outubro de 1961.



moso etnomusicólogo Charles Seeger, com o qual dividiu uma comunicação, sob o título “Survivance et développement des diverses traditions européennes dans le continent américain” no congresso de musicologia de Nova York realizado em setembro de 1961.²⁸

Nas entrelinhas das idealidades um pouco sonhadoras, alguns posicionamentos surgem sobre possíveis investimentos em pesquisas através de órgãos brasileiros. Em outro relato a Lamas²⁹ comenta da chegada do então ministro Mozart Gurjão Valente, para a delegação do Brasil Junto à Unesco e expõe:

Gostei de saber que V. estava planejando essa pesquisa em consulta com o Serviço do Patrimônio. Sempre me pareceu que esse órgão podia patrocinar as pesquisas de musicologia histórica. [...] quanto à etnomusicologia, a campanha nacional de folclore, de um lado, o Serviço de Proteção aos Índios (pela sua Divisão de Pesquisas Etnográficas), e de outro, parecem-me as instituições mais indicadas. Tive sobre esse assunto, uma troca de correspondência com o Rodrigo Melo Franco de Andrade,³⁰ o ano passado. Mas de qualquer maneira, a aliança com o SPHAN não pode senão trazer benefícios.

Recebimento de visitas brasileiras é regular na Unesco. A já mencionada Cleofe Peron de Matos, Dircéia Amorin, Ademar Nóbrega, são acusados em carta de fevereiro de 1961³¹. Tais laços eram mantidos por estas visitas cordiais. As trocas de produção compunham as relações cordiais e eram comuns entre as instituições de pesquisa. Luiz Heitor atento a isso, também procurava difundir a produção do Centro e angariar a de outros para este. O Instituto de Pesquisa Folclórica da Venezuela dirigido por Luiz Felipe Ramón y Rivera e sua esposa Isabel Aretz, foi um dos lembrados a Lamas para que o seu Centro se incumbisse do envio das últimas edições àquele³², para promoção de intercâmbio.

Detalhes que passariam despercebidos se tratado por telefone, na época, um luxo de poucos, se encontram registrados em cartas que misturam amizade e trabalho. Informações solicitadas por Lamas sobre uma carta de Alberto Nepomuceno endereçada ao então Governador do Ceará, Barão de Sturdard, o qual teria sondado ao compositor a respeito de certas tradições musicais do Estado e que, segundo o musicólogo, teria sido por aquela época, encomendado o hino do Ceará; traz luz a investigações futuras do assunto. Mais intrigante é como ele chegou a estas informações. Elas se

²⁸ Idem, 17 de março de 1961.

²⁹ Idem, 22 de março de 1960.

³⁰ Advogado, jornalista e escritor; formou-se em direito pela Universidade do Rio de Janeiro. Redator-chefe (1924) e diretor (1926) da *Revista do Brasil*. Chefe de gabinete de Francisco Campos, ministro da Educação e Saúde Pública. Chefiou o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), desde a fundação do órgão, em 1937, até 1968. Informações contidas no site do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas, disponível em http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/biografias/ev_bio_rodrigomelofrancodeandrade.htm.

³¹ Carta de Luiz Heitor Corrêa de Azevedo à Dulce Lamas (BAN/EM-UFRJ), 1de fevereiro de 1961.

³² Idem, 7 de outubro de 1961.



encontravam em carta, “publicada pelos jornais da época – num livro de recortes, que se encontrava [...] num cofre que havia na Biblioteca Nacional de Música. Era um livro em que o antigo Porteiro do antigo instituto colocava recortes de jornais referindo-se à casa e aos seus Diretores”.³³ Um fato que chama a atenção é um relato da tecnologia utilizada na década pelos etnomusicólogos nas pesquisas de campo, inclusive a sugestão de aquisição para a Escola Nacional de Música de um gravador portátil, a pilhas, da marca Nagra, considerado última palavra em tecnologia na década de 1960. Outro aspecto curioso é a ausência de dois artigos mencionados em carta, sob os temas “Educação Musical no Rio de Janeiro” e “De Anchieta aos Seminários Livres de Música da Pro-Arte”, enviados, na semana que antecede a de 6 de agosto de 1965,³⁴ ao *Jornal do Brasil* para publicação, mas estes não constam da relação das suas publicações discriminadas na edição comemorativa dos seus 80 anos de vida (Lamas, 1985, p. 141). Talvez não tenham sido publicados, pois não encontramos indícios de suas existências nos periódicos do referido jornal na Biblioteca Nacional.

Luiz Heitor continuou suas atividades na Unesco até o ano de 1965. Após sua aposentadoria na Unesco, de 1966 a 1967, reassume a docência na Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil.³⁵ Desde 1966, a necessidade dos serviços de Lamas se intensifica, pois, com a iminente aposentadoria de Luiz Heitor na Escola Nacional de Música, passou ela a ter a responsabilidade, através de procuração, de fazer anualmente o imposto de renda, o envio mensal dos proventos desta, além de se incumbir de todo o processo de acompanhamento funcional do mestre. Numa época em que os recursos tecnológicos eram pequenos para esse fim, presume-se que tal ajuda tornou-se um pouco desgastante. Com isso, o número de correspondência aumentou significativamente entre ela e o casal Azevedo.

Em 1968, Luiz Heitor finaliza suas atividades de professor no Institut des Hautes Etudes de l’Amérique Latine em Sorbonne. Torna-se membro de instituições de destaque no cenário mundial: em 1964, da International Association of Music Libraries; em 1965, da Société Française de Musicologie; e em 1966, da Academia Nacional de Música. Também em funções político-administrativas como membro do Comitê Executivo do International Music Council (1966-1973) e da Comissão Executiva do International Folk Music Council. Na condição de professor visitante, leciona nos Estados Unidos da América, nos anos de 1967-1968 na Tulane University, Nova Orleans; e em 1969, na Indiana University, Bloomington.

³³ Idem, 9 de junho de 1964.

³⁴ Idem, 6 de agosto de 1965.

³⁵ Anexo à carta de 14 de janeiro de 1965 (BAN/EM-UFRJ), está um modelo de requerimento constando o decreto número 9.538, de 1 de agosto de 1946, em que Luiz Heitor se pautou para seu afastamento. Por este decreto, ele poderia contar o tempo de trabalho na Organização Educacional, Científica e Cultural das Nações Unidas (Unesco) para efeito de sua aposentadoria no Brasil. Parece claro que a Luiz Heitor só restava o interesse na aposentadoria, pois já não havia nenhuma perspectiva de regresso definitivo à pátria. Sua permanência no país foi curta, apenas para os créditos restantes do tempo de serviço.



Os laços com personalidades representativas do Brasil, foi sempre uma constante. Segundo Luiz Heitor, Eurico Nogueira França, quando esteve em Paris, escreveu suas impressões da cidade ao jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, onde atuava como crítico musical. Dentre as matérias constaria uma impressão da última aula do musicólogo no curso oferecido pelo Instituto de Altos Estudos da América Latina, sob o título “Luiz Heitor em Paris”.³⁶ Outros grandes músicos como Eleazar de Carvalho³⁷ compartilham deste convívio. As notícias de sua terra natal chegavam por estes que lhe visitavam: como a posse da direção da Escola Nacional de Música da Regina Fiúza, o falecimento de Brasílio Itiberê – primo de Egidio Castro e Silva.

Em suas atividades na Tulane University pelo Inter-American Institute for Musical Research, informa a Lamas que o quarto Anuário correspondente ao ano de 1968, seria dedicado inteiramente ao Brasil, e que estaria sob a direção sua em conjunto com a de Gilbert Chase. E para tanto solicita à discípula que escrevesse um artigo com cerca de 4.500 palavras sobre o Centro de Pesquisas Folclóricas contendo a criação, publicações, atividades e missões futuras. Além disso, solicita que lhe envie o endereço do pesquisador José Ramos Tinhorão e o nome do livro resultante de um pequeno ensaio sobre a Música Popular Brasileira,³⁸ pois teria o mesmo interesse em divulgá-lo nesta publicação. Em 1969 Luiz Heitor é convidado a participar dos trabalhos de discussão curricular no Conservatório de Paris e a relação deste com a Universidade, incumbido da tarefa de elaborar um relatório com informações gerais sobre o ensino musical no Brasil. Quando sondado sobre uma possível criação de um curso de pós-graduação em Folclore na Escola Nacional de Música, Luiz Heitor emite a seguinte opinião:

Não estou a par da projetada reforma da Escola para poder responder a uma questão sobre o Mestrado e o Doutorado em Folclore. Penso que ambos serão em Música, podendo ser o Folclore a disciplina principal, determinando a escolha do assunto da tese. Mas não vejo muito bem “Doutores em Folclore” pererecando por esse Brasil afora...³⁹

Por solicitação do Governo Brasileiro, o musicólogo atuou, de 15 de outubro a 20 de novembro de 1968, como membro da Delegação Brasileira na Conferência Geral da Unesco.⁴⁰ Participar de comissão para representar o Brasil perante a Unesco se tornou constante. Em maio de 1971⁴¹ participa de um Seminário sobre Economia

³⁶ Carta de Luiz Heitor Corrêa de Azevedo à Dulce Lamas (BAN/EM-UFRJ), 24 de março de 1966.

³⁷ Idem, 4 de fevereiro de 1967.

³⁸ Este ensaio, provavelmente originou uma das obras de mais polêmicas sobre o assunto *Pequena História da Música Popular*, cuja 1ª edição se deu em 1974.

³⁹ Carta de Luiz Heitor Corrêa de Azevedo à Dulce Lamas (BAN/EM-UFRJ), 13 de maio de 1969.

⁴⁰ Idem, 11 de dezembro de 1968.

⁴¹ Idem, 7 de agosto de 1971.



e Cultura no Brasil. Organizado pela Escola de Altos Estudos Econômicos e Sociais Sankt Gallen, em Zurich, onde estiveram presentes Roberto Campos e Rubens Vaz da Costa, além de outras personalidades da época. Em 1972, entre abril e agosto⁴², o musicólogo viaja o Brasil e participa de atividades profissionais realizando palestras no Conservatório Brasileiro de Música, no Pen Clube do Brasil (remunerada pelo Departamento de Cultura do Estado da Guanabara) e participa do Festival de Inverno de Ouro Preto. Em dezembro de 1972⁴³, Luiz Heitor participa da Delegação do Brasil à Conferência Geral da Unesco, encarregada dos trabalhos da Terceira Comissão de Filosofia, Ciências Humanas e Cultura. Na parte da cultura o musicólogo se incumbiu do pronunciamento brasileiro, explanando sobre os comentários do Brasil quanto ao projeto de programa e de orçamento da organização para 1973 e 1974. Em 1974 é indicado membro individual do Conselho Internacional de Música, sem direito a voto⁴⁴.

Em novembro de 1973⁴⁵ Luiz Heitor profere uma conferência sobre música brasileira no evento *Brazil Export 73*, no Manhattan Center, no coração da capital da Bélgica, Bruxelas, onde se abrigou também uma exposição histórica e artística organizada pelo Museu de Arte de São Paulo intitulada *Images du Brésil*. Atrilharam esse evento concertos, conferências e sessões de cinema. Estiveram presentes os músicos Eleazar de Carvalho, Turíbio Santos e o Grupo Tamba Trio com o espetáculo *Panorama du Brésil*.

Além dos artigos encaminhados ao *Jornal do Brasil* (não informados em Lamas, 1985), alguns outros trabalhos do musicólogo não constam no livro publicado para a comemoração dos seus 80 anos. Esse fato é constatado quando se cruzam dados narrados na correspondência com aquela edição. Supomos que existam vários trabalhos ainda não publicados, como o do Centro França-América Latina (CEFRAL), realizado em 10 de abril de 1975, sobre o tema⁴⁶ *Música dos índios da América Latina* e um relatório para um congresso do Conselho Internacional de Música, realizado em outubro de 1975,⁴⁷ o qual, segundo o autor, cobre um aspecto do estudo empreendido pelo órgão sobre A Música e o Público de Amanhã.

Em 1977, num jantar em casa de Raul do Valle (seu orientando na França e professor da UNICAMP), Luiz Heitor é convidado por Rogério Cerqueira Leite para coordenar um Grupo de trabalho composto dos professores para organizar o programa de graduação em Música da Unicamp.⁴⁸ Luiz Heitor selecionou programas de ensino e regulamentos de diversas instituições, entre as quais os do Conservatório de Paris, da Sorbonne, do Instituto de Musicologia de Strazburgo, da Universidade de Tulane e de Indiana e um panorama geral do ensino na Alemanha e da Escola de Música da UFRJ.

⁴² Idem, 3 de março de 1972 e de 7 de agosto de 1972.

⁴³ Idem, 9 de dezembro de 1972.

⁴⁴ Idem, 26 de janeiro de 1974.

⁴⁵ Idem, 15 de dezembro de 1973.

⁴⁶ Idem, 13 de março de 1975.

⁴⁷ Idem, 9 de março de 1976.

⁴⁸ Idem, 24 de junho de 1977.



Integravam os trabalhos do pequeno departamento de música daquela Universidade os professores José Antônio Almeida Prado, Raul do Valle, Benito Juarez, Damiano Cozella, Sergio Vasconcelos Corrêa, Fernando Lopes, Vilma Coelho Brandemburgo, Nathan Schwartzman, Helena Holnagel, Yulo Brandão, entre outros. A proposta inicial era a organização de dois programas de curso de graduação, um em composição e outro em regência e, mais tarde, a previsão de acréscimo a esses, do programa de musicologia. Campinas, nesse período, já contava com boa estrutura para espetáculos, possuía uma Orquestra Sinfônica Municipal composta de 90 jovens músicos e uma agenda cultural diversificada.⁴⁹

Na década seguinte as atividades do musicólogo são contínuas. Em 1980, preside o Colóquio sobre a Influência Africana na Música Latino-americana, organizado pela Unesco; em 1982, torna-se Sócio Honorário da Sociedade Brasileira de Musicologia, sediada em São Paulo, em 1984 organiza e preside o Colóquio sobre o tema A influência do Mediterrâneo nas tradições populares e na música no Brasil, Nice, França; em 1985 torna-se Membro Catedrático da Academia Internacional de Música; no mesmo ano é contemplado com o Diploma “Honra ao Mérito” conferido pelo Conservatório Brasileiro de Música e recebe da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o título de “Professor Emérito” (Lamas, 1985, p. 14); em 1986, assume um dos cargos de vice-presidente do comitê francês responsável pelas comemoração do Centenário do compositor Villa-Lobos⁵⁰, celebrado na Unesco; em 1987, preside, entre os dias 17 e 24 de julho, um Colóquio sobre Villa-Lobos no Festival de Arte Cristã de Dignes-les-bains, na Alta Provença, França⁵¹; em agosto do mesmo ano, a convite do Museu Villa-Lobos, preside o Concurso Internacional Villa-Lobos para violão.⁵²

As informações da correspondência de Luiz Heitor com Lamas trazem esclarecimentos sobre fatos históricos ocorridos na sua vida, e o que mais os tornam interessantes é que quando narrados pelo próprio personagem cumprem um papel documental relevante na historiografia musical. Informações diversas como sua eleição para o cargo de Membro de Honra do Conselho Internacional de Música⁵³ (128), os contatos com personalidades da música mundial, órgãos e entidades de relevância principalmente da Europa e EUA na música e em áreas afins, cujos fatos tangem uma autobiografia. As dimensões dos trabalhos, algumas vezes, estão expostas na correspondência. Dulce Lamas, chamada por Luiz Heitor de sua “public relations”, fez jus ao título. Partiu da discípula a iniciativa de homenagem aos 80

⁴⁹ Idem, 13 de julho de 1977.

⁵⁰ Idem, 23 de outubro de 1986.

⁵¹ Carta de Luiz Heitor Corrêa de Azevedo à Dulce Lamas (BAN/EM-UFRJ), 29 de julho de 1987. Consta documento direcionado à professora Diva Abalada, na época diretora da Escola de Música da UFRJ.

⁵² Idem, 29 de julho de 1987.

⁵³ Idem, 23 de março de 1980. Marlos Nobre e Barry Brook (Nova York) foram os articuladores para a criação do cargo de Membro de Honra desse conselho. O musicólogo, a convite do presidente do órgão John Roberts (Toronto), se candidatou, sendo eleito por unanimidade em Assembleia Geral.



anos de existência do mestre, coordenando uma publicação comemorativa de um livro que resumia boa parte de suas atividades profissionais.

Luiz Heitor exerceu grande influência em relacionamentos com profissionais de alto nível na música brasileira e mundial. As cartas enviadas a Dulce Lamas nos revelam detalhes dos mais variados segmentos e abordagem musicológica. A proximidade com vários compositores e pesquisadores, políticos e personalidades representativas, como Mário de Andrade, Luciano Gallet, Villa-Lobos, Almeida Prado, Renato Almeida, Charles Seeger, Gilbert Chase, Jacques Carpentier, entre muitos outros; todos são peças de um “quebra-cabeça” histórico para a discussão da música do passado e do presente, em valiosos conteúdos encontrados nessa correspondência. A extensa rede social constituída gradativamente por Luiz Heitor durante o período de residência na França constata um grau significativo de sociabilidade.



BIBLIOGRAFIA

Aragão, Pedro Moura. *Luiz Heitor Corrêa de Azevedo e os estudos de folclore no Brasil: uma análise de sua trajetória na Escola Nacional de Música (1932- 1947)*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Música, Programa de Pós-Graduação em Música, 2005.

Azevedo, Luiz Heitor Corrêa de. “Musicologia na Universidade”. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1945.

Azevedo, Luiz Heitor Corrêa de. *Música e Músicos do Brasil: História – Crítica – Comentários*. Rio de Janeiro: Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1950.

Azevedo, Luiz Heitor Corrêa de. *150 Anos de Música no Brasil (1800 – 1950)*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956.

Duprat, Régis. “Luís Heitor Corrêa de Azevedo: o cinquentenário de um livro”. *Revista Música*, USP/ECA/CMU, São Paulo, v. 9, n.1/2, p. 11-20, 1998/99.

Lamas, Dulce Martins. *Publicação comemorativa dos 80 anos de Luiz Heitor Corrêa de Azevedo*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Musicologia; Rio de Janeiro: Funarte, 1985.

Mariz, Vasco. *Três Musicólogos Brasileiros: Mário de Andrade, Renato Almeida e Luiz Heitor Correia de Azevedo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1983.

JAIRO JOSÉ BOTELHO CAVALCANTI é professor do Curso Técnico de Música da Universidade Estadual de Maringá e professor colaborador na área de etnomusicologia do Departamento de Música da mesma universidade. Possui Doutorado em Música, área de Musicologia e Mestrado em Artes (2002) pela Escola Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (2011); Bacharelado em Música, habilitação violão, pela Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1989). Atua como consultor ad hoc do Sigproj-PROEX (2011); orientador PIBIC-JR da Universidade Estadual de Maringá, Fundação Araucária (desde 2011); líder do Grupo de Pesquisa GEPHEIM - Grupo de Estudos e Pesquisa em História, Educação e Interpretação da Música (2009–atual), cadastrado no CNPq e certificado pela UEM; membro pesquisador do Grupo de Pesquisa Os Problemas da Interpretação (2012–atual), cadastrado no CNPq e certificado pela UEM. Parecerista da ANPPOM - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música.